



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



Biblioteca Central Irmão José Otão
César Augusto Mazzillo – Diretor



Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

Autoria José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo
Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação Michelângelo M. M. Viana
João Vítor Hanna de Souza

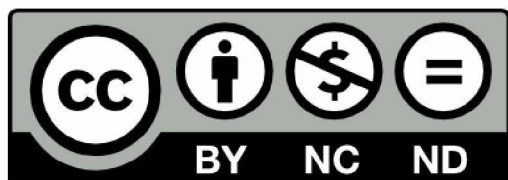
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo

Ensaiopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.
102 p.
Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



Título da Obra: Ensaiopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4

Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

Está licenciada sob a licença [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548
Email: biblioteca.central@pucrs.br
www.pucrs.br/biblioteca

O MARIDO EXTREMOZO; OU O PAI GUIDADOZO.

COMÉDIA EM 4 QUADROS.

Primeiro.

Régulo (para Remo): Sejâmos honestos quanto às mulheres! mas quanto ao mais; já que nos furtão,—farremos tão bem.l se nos roubarem,—rouhemos tão bem.l e assim seguimos o preceito do nosso Grande Vieira, habil pregador.l profundo Politico.l &. &...

Remo: Mas, se nos roubarem as mulheres!?

Régulo: Ah! então, esse cazo é mais melindroso.l

Remo: Mas diga-me.l O que havemos de fazer?

Régulo: Homem; isso tem seu que.... ou para que.l (depois de longa pausa, muito apressadamente, e caminhando em roda para o lado de Remo): Sabes o que mais convem? — roubar! se é crime fica compensado; e ficamos indemnizados sem ser preciso andar com a justiça às costas — da caza do Escrivão para a do Juiz; da do Juiz para a do letrado; da deste para a do meirinho, &. &.

Justiça de Barcellos, ou de Barcelona; por exemplo:

Apanho com hum pau, dou com hum pau (bate no hombro de Remo com huma bengala.)

Remo: Ai.l homem.l isso não tem lugar.l bem vêz que não te dei ainda paulada alguma.l que diabo de graça.l e arde como sal e pimenta em ferida recente.l Não.l não.l não continues com essas graças!

Régulo: —O' homem! de pouco te zangas! que faria se eu te dêsse às devéras! foi apenas huma pequena experiencia ou hum exemplo que quiz dar-te, e já te mostras tão zangado! que faria se eu te desse às devéras (bate com mais força.)

Remo: Ah! você está teimoso! pois eu também vou dar-lhe pancadas.l vou também fazer exemplos.l (pega em huma cadeira, e dá-lhe com ela.)

Régulo: Ai! ai! este exemplo valeu por todos os que eu acabei de dar-te! irra! irra! Régulo! sempre mostras que és hum verdadeiro Régulo! — nome que bem diz com a pessoa.l

Sancho (entrando): Oh! vocês aqui.l e a jogar o pau.l eu também entro.l vamos lá.l (dá huma pancada em hum. O outro dá-lhe com a cadeira):

Não vê que o jôgo é só de dois!? e que o Sr.

não foi convidado!?

Sancho: Mas eu quis também fazer as minhas experiencias, visto que eu ouvi falar em experiencias; e eu gosto muito de me experimentar!..

Remo: Pois V. Exc. gosta de experiencias? La vai (dá-lhe outra bordoadá.)

Sancho: Nada! nada! façamos as pazes! acabemos com as experiencias de pau! agora passemos às experiencias de pensamento!

Régulo: Quaes são essas experiencias de pensamento?

Sancho: Agora, espere, ainda é cedo; eu ainda não comecei; depois que eu começar, os Srs. não me hão-de querer ver acabar!

(Batendo na testa com força) sahe? ou não sahe? (tornando a bater) eim? sahe ou não sahe? ah! não quer sahir, então háde sahir do nariz (põe neste os dedos e assoou com força) lá vai hum!..

Régulo: Estás muito adiantado, mas as tuas experiencias não me agradão! vái plantar batatas meu esturdio (empurrando a Sancho.)

Remo: E teve a audacia de nos vir interromper, este quadrupede!

Sancho: Então não querem ver mais! esta bom, em tal caso vou-me embora!

Régulo: Não vai daqui sem dar-me o chapéu para pagar-nos a massada que nos deu! (tira-lhe o chapéu)

Remo (para Régulo): Tu te contentas com o chapéu, e eu quero a bengala que é melhor que a minha! (avança-se a ele e tira-a)

Agora seu esturdio (apontando para a porta da rua) Suma-se já, já daqui para fóra!

(Dá-lhe hum pontapé. Sancho grita, Régulo o empurra; é hum barulho immenso: Mas aos socos, pontapés, empurrões, e gritos, põe Sancho na rua, ficando-lhe, com o chapéu e a bengala.)

Régulo (para Remo, voltando ambos): Vamos.l vamos.l tu te arranjustes de chapéu, e eu de bengala... ou... eu de bengala e tu de chapéu; fujamos cada qual por sua porta, antes que por aqui chegue a Policia.l

(Safão-se ambos; hum por huma porta, e outro por outra.)

(Assim termina o quadro 1º.)

Segundo.

Hum baile na roça.

Hum dos convidados (dirigindo-se á hum das dançantes): O'ra saia, Sr.^a Anna. Não vê aqui o seu maior apreciador — de chilenas e pelêgo para dançar, Dona Anna?

Anna (moça nova e assás gorda): Bem vejo, Sr. Maneca, que o Sr. é o moço mais lindo, que piza neste baile; mas não o vejo de faca e de pistola para amedrontar os rivaes; e afugentar os iguaes.

Bem sabe que ninguém olha para mim, que não me queira dar boquinhas, abraços, e bôjos!

Maneca: Já sei que tu és a mais adorada de toda esta patifada. Mas pra os fazer levantar a cóla, e correr como baguaes, não preciso de pistola. basta a faca e o ponche. vamos; vamos para a sala. (pegando-a pela mão).

Ela: E' puxa malaia. o tocador stá sem viola.

Maneca: O que diz, sia Tagarela?

Ela: Olha aquela como levanta a saia. parece que nunca dançou.

Maneca: Não é, foi o tocador que quasi a matou, com a pancada que lhe deu, quando na viola bateu, quando a viola quebrou.

(Já se vê que o tocador pouco antes, tem hum pequena duvida com outro... com hum dançante; da-lhe com a viola, e quebra-a).

Benico (para seu par. Mandunguinha): Abaixa a saia, Mandunguinha.

Mandunguinha: Não quero. hei-de levantar até o joelho; levantar, para mostrar que tenho humas pernas bonitas como as lindas estrelas; groças como os fortes engenhos.

Esquizado: (para hum dos tocadores, empurrando-o, e depois fazendo hum volta, arrastando a chilena, levantando hum braço, e deitando o outro, &c.): Que diabo tem essa rabeca, que não toca nada que se dance. (entretanto outros bailão, fazendo cada qual as maiores asneiras, e esquizitices que pode; proferindo gracejos, grosserias, e praticando-as de toda a especie.)

Benico: Agora, sim; já se ouve tocar.

Hum dos dançantes (a quem se oferece hum mate): O'ra venha de lá esse chimarrão. (tomando) está mesmo como hum lingua de chimango.

Outro: Eu quando me abraço com hum gorda, como esta. (abraçando-a) não me lembro de mais nada deste mundo.

Outro: E' puca mano Juca. se ele não andasse recolhendo as vacas do gado manço, quantos esporões não daria aqui na tia Tubina, arrastando-lhe a rozeta pela saia.

Outro: E o Antonio ainda não chegaria com a eguada do Potreiro Velho? é puta diabo: faz-me hum falta p'ras embigadas!

Mas já que ele não veio, dou na tia Maria (bate com os pés; arrasta as chilenas, e dá hum embigada em hum das mulheres que fica em frente.)

Outro: Toca bem essa viola, seu diabo! quazi não se ouve, quando se bate com as palmas. ou com os pés. (batem palmas, fazem rôdas, batem com os pés; de repente hum grito): Fêz pelego! (ha grandes gargalhadas).

Outro: Vai de rôda! (puxando hum lenço do pescoço de hum das môças) p'ra que quer lenço, se é tão bonito este pescoço. (tira e assoa-se).

(Atirando com este em outra): Lá vai. aguarde-se.

Hum: Já estou cansado como o diabo.

Outro: Pois vamos dormir que já são horas, p'ra amanhã parar rodeio sedo, que nestas já nós paremos.

Outro: Pois cá vou com a minha. (pega hum pelo braço, e méte-se em hum quarto).

Outro: Eu tambem já vou. Não toque mais esse instrumento, seu tocador. (pega em outra e sahe, dizendo): Foi meu par dançando; ha de sel-o tambem camando.

Os outros: Pois então vamos todos. ha. ha. ha.

Arrastão as chilenas; sapateião caminhando; fazem valas; rodas; abraço as môças; e desaparecem, terminando assim o baile.

Os tocadores: Sempre nós somos os que mais trabalhamos, e os que menos gozamos.

Os dançantes bailão, brincão, abraço, falam, beijão; e nós? apenas bebemos algum copo de cachaca ou de vinho que eles nos querem dar. ainda é bom, quando não nos quebrão a cabeça com os instrumentos.

Pois não toquemos mais. (atirando com as violas). Vão-te diabos. que d'agora em diante não queremos mais tocar. Nós queremos só dançar. (e sahem).

Hum escrava: E' assim que esta cambada faz. comem. bebem. sujam tudo como porcos no chiqueiro; e depois stá a gente aqui tendo trabalho para arrumar e limpar isto (com hum pano limpão os moxos). O'lhem como eles deixarão as camas. parecem ninhos de galinha choca. cruces. cruces com semelhantes demonios. (Põe hum pelêgo ás costas, e sahe).

A outra escrava (cuspindo-se): Tem. tem. está fedendo a chulé. l!... vou me embora; alguma outra que venha cá aturar este fedor. (Sahe).

(Assim finda o quadro 2º.)

(A mobília da sala não passa de hum câma de guascas, hum rede de couro, alguns tamborettes, e hum ou dois bancos de 4 a 6 palmos de comprimento, hum até duas mezas de 5 a 6 pal-

mos).

Tercero.

Lições de florete; espada; espada; pistola e lança.

Hum Professor, e alguns discipulos; pistolas; espadas de pau, florêtes, lanças.

Dois estudantes, entrando, hum de espada, outro de florête.

O de espada: Guarde-se deste talho!

O de Florête: Não se aflija, espere; quero pegar arma igual!

Aquele, (a quem chamaremos — Dunga): Nada! quero medir a minha espada com o seu florête,.... defende-se portanto!

O de florête, (a quem chamaremos — Córneo): defendendo-me; mas não é próprio de estudantes (esbarra a espada no florête).

Dunga: O bom jogador, com qualquer arma se defende!

Córneo: E' verdade! Mas não é próprio d'estudantes! entretanto livre-se desta estocada! (dá-lhe hum pontaco com o florête).

Dunga (rebatendo): Se não atira melhor, faça-lhe voar o florete pelos ares!

Córneo: Descançemos hum pouco; o meu florête está doente (querendo examinal-o).

Dunga: Quando se luta, não se dá tempo ao contrario para preparar as armas. Lá vai. (atira-lhe hum pontaco, ele defende-se).

Julio (entrando de pistola em punho): Pois tão bem quando os estudantes não são cavalleiros, encontram outros que lhes tiram a prôa, pondo-se ao lado do cavalheirismo. (engatilha a pistola) ou ha-de jogar de florête, ou ha-de esperar que o meu amigo se prepare d'espada! escolha. se nem hum, nem outra couza, então a luta é commigo. ao menor movimento, hum tiro de pistola no peito, ou na cabeça!

O de espada, ou Dunga: Em vista disso, não jogo mais; nem de florête, nem de espada, nem de pistola. Queria mostrar que quando se briga, não se escolhem armas. lque se ataca e se defende, com as que temos! não querem, não ensinarei mais! (atira com a espada na bainha, e sahe).

Julio: (para Córneo): vamos nós entretermos-nos por 5 minutos. (toma hum florête): Livre-se desta na barriga. (atira-lhe a florêtada, Córneo defende-se).

Julio: Na cabeça!

Córneo: No peito!

Julio: No hombro direito!

Córneo: no braço! (Depois de diversos tiros em que ambos sahem perfeitamente bem)

Hum lanseiro (entrando): Agora hade ser de lança!

Elles: Nada;nada! já estamos cansados! (Em-bainhando os florêtes):

Agora vem Perna de galinha jogar com tigo a lança! espéra hum pouco! (Entra hum individuo alto, magro e com hum lança).

Perna de Galinha: E' agora, amigos/veremos aqui quem é o valente! (faz alguns manejos com a lança); E' puxa malaia! quem não é tóco, não se meta; se não, enfiu-lhe a vareta! Lá vai hum lançaço pela esquerda!

Aquele, (a quem chamaremos Telivi): Não atire, se não, eu morro! cuidado! (bate; e entrelação as armas).

(Entrão outros; pegão em espadas; os de florete desembainhão estes; e jogam quatro—lança, espada, florête, e pistola.

(Depois de alguns exercicios, entra o mestre, homem feio e de aspectó assustador; (bate palmas; Bravos! vivão! vivão os nossos discipulos! estão promptos! promptos e mais que promptos! já podem dentro; fóra do Imperio — debellar os inimigos da — Patria!

(Descem todos as armas, apontão para o chão).

Hum deles: Em prezença de nosso Mestre, — desce tudo a sabia gente, que aprendeu de hum grão Tenente.

E assim termina a Lição de florete.

Quarto.

Caza de Sapataria e Alfaiataria.

Certo individuo, que entra; para hum dos officiaes que parece o Mestre: O Sr. tem sapatos?

Mestre: de todas as qualidades.

O Individuo: Vejamos.

O Mestre (mostra-lhe alguns pares; ele escolhe; calça; mexe e remeche; e não acha algum que lhe sirva): Nada! nada! este é grande! aquele é pequeno! est'outro apertado! nenhum serve.

(Hum oficial para os outros): Este diabo leste homem é o mais difficil de contentar, que eu tenho conhecido.

O Mestre: Pois é dos que temos.

Individuo: Vejamos as botinas!

O Mestre: Eis aqui algumas. (apresenta-lhe).

O individuo (examinando-as): Está larga; e tem o bico torto. (experimenta outra) Oh! esta tem o salto ás avessas. (vê outra) que diabo! até os puxadores são diferentes.

O Mestre: Olhe que não são gavetas! isto não tem puxadores! são alças!

O Individuo: não! nada! não me servem! vejamos as botas.

O Mestre: E' preciso muita paciencia para atural-o.

Em fim, aqui tem mais alguns pares.1 (da-lhe).

O Indivíduo (pegando em uma, examinando e não achando boa): qe diabo.1 (pegando em outra): esta está hum pouco melhor; mas aind'assim... não sei que lhe diga.1 (calça outra, e acha boa): esta serve; mas eu não pago a este diabo.1

(Depois de calçar, agarra huma das outras em cada mão, e para o Mestre: A você, eu perdoo.1 mas os discipulos levão com esta porcaria pela cara (atira com huma na cara de hum; com outra na cara de outro; sahindo): Isto é para outra vez fazerem obra melhor.1 (sahe pizando mui fortemente).

(O Mestre apita; os discipulos querem correr atraz dele; pégão em tirapês; levantão-se; fazem hum barulho immenso; mas ele safa-se,

Entra outro individuo).

Este: O Sr. tem calças de marroquim?

O Mestre: Onde vio o Sr. — calças de marroquim?

O Indivíduo (a quem chamamos Catinga): Ah! não são de Marroquim; são de alfinim, ou de toquim.1

Mestre: De toquim, não tem.1 mesmo dessa qualidade, penso que só para chales.1

Catinga: Vejamos das que tem.1

O Mestre (tirando alguns pares): O'ra Deos queira o Sr. não venha aqui especular, como o que daqui sahiu a pouco! estou com bem receio de o aturar.1 em fim, quem tem caza de negocio, dispõe-se a tudo.1 (mostra-lhe alguns pares que tirou da prateleira).

Catinga examina; acha huma que lhe serve, para o mestre: E'sta está boa.1 quanto custa?

O Metro 20 frs.

Catinga: E' barato; e como vende por tão pouco dinheiro as suas obras, vejamos hum paletó. (O mestre mostra-lhe alguns).

Catinga veste; acha hum que lhe agrada: E'stá óptimo para o inverno.1 serve-me.1 o preço?

Mestre: Isto é obra muito mais fina; é para 100.000.1

Aquele: Ainda não é caro.1 serve-me.1 — coletes, tem? quero cazimira da mais fina que tiver.1

(O Mestre mostra-lhe alguns).

Catinga (vestindo hum, e achando óptimo):

Ficarei com este.

Pode tirar a conta de tudo; e mandar á caza de sobrado n.º 250 2º andar, á rua dos preguiçosos.1 (quer sahir; o mestre bota-lhe a mão): Mas eu não o conheço.1

Catinga: Já lhe dice que mande á tal rua; e tal caza; o que mais quer?

Mestre: Não sei; quem o Sr. é?

Catinga: Saiba, ou não saiba, faça o que lhe digo; e quanto ao mais, fica á minha conta.1

Mestre: Não, filho/ não posso não tenho quem; vá lá!

Catinga: Ah! não tenho quem vá; pois eu tenho cá/ (puxa por hum punhal): Eu só não é que hei de ser roubado, e matado/ como as Sras. autoridades me roubão e assassinão; é porque querem também que eu roube e assassine!

A época será de roubo, e assassinato; (puxa de todo o punhal; cráva-o no peito do Mestre, dizendo): Eis a paga! (safa-se).

(Os discipulos procurão curar o mestre; cercão-o; amarrão a ferida; depois de preparado este):

Mestre: Eis as consequencias de hum paiz mal policiado, ou onde as Autoridades, como também alguns outros — dão o máo exemplo do roubo; da violencia e da rapina!

O cidadão tranquilo; trabalhador; honesto; é em sua caza apunhalado e roubado do que tem! O adultero; o ladrão; o assassino, — protegido; amparado; e quiçá louvado, e elevado!

Por isso tantas guerras! tantas péstes! tantas mortes.1 tantos males.1

Os discipulos, huns para os outros: Agora é preciso cada hum de nós ter a nossa faca afiada e prompta para quando alguém entrar mesmo de pé, e ao primeiro movimento, lançar algum ricio por terra; e ir haver á policia o premio de nosso grande feito de armas.1?

Todos: Apoiado.1 apoiado.1 Faremos da officina hum baluarte ou....

O Mestre: E' pouco hum baluarte; Será huma fortaleza contra todos os nossos freguezes.1 Matal-os-he-mos logo á entrada afim de roubarmos quanto dinheiro trouxerem, muito á nossa vontade.1 e assim não precisamos s mais trabalhos de sapateiro ou mesmo de alfaiate.1

Todos: Juremos.1

O mestre dá as duas mãos a os discipulos e estes ligão-se assim todos; formão huma cadeia, e em voz bem alta,

Dizem: Unidos pela força, e pelo segredo. Mataremos; roubaremos; e enriqueceremos.1

Quinto.

(Pedro, prezo pela Policia, por falsas acuzações, ou calumnias, ou simples más intenções desta, em presença de hum Presidente, chefe de Policia, hum commandante de hum corpo, e mais alguns individuos).

O chefe de Policia (queixando-se ao Presidente): Venho, Sr. perante V. Ex. reclamar por hum doente.1 Tendo eu dado ordens que certo soldado fosse á Policia apresentar-se para della ser praça, soube entretanto com o maior desprazer ter o mesmo ido apresentar-se ao corpo da Guarda Nacional desta cidade.1 ácho neste facto hum escárnio á Autoridade; ás leis, e ao Governo.1

O Presidente: Eu não autorizo tais actos: e

todas as vezes que deles tiver conhecimento, fique certo que heide dar as providencias necessárias para que nada sofra a justiça; e seja a offensa reparada, como para que se não repitão.

Chefe: E' isso mesmo o que todos dezejam. e é a cauza da minha representação á V. Ex.^a, por saber de suas boas disposições a respeito.

O Presidente (para o commandante): E' prezo mandar pôr a disposição do Sr. Dr. Chefe de Policia o soldado de quem ele fala; visto que tinha lhe dado hum outro destino.

O Commandante: Não ponho a menor dúvida. e se ele é hoje praça do meu Corpo, não é isso devido a procederes meus. houve apenas hum engano entre os soldados, e por esse motivo deu-se tal facto. eis hum bilhete que recebi, em razão do qual o admiti como praça. (Lê).

O Presidente: Pois bem, então não ha dúvida alguma. foi hum engano de nome, e o Sr. Chefe de Policia providenciará a respeito, como mais convier.

Chefe: Eu entendo que éra hum mal para o serviço público; pois podia trazer outros ainda maiores, como o desprestigio á Autoridade; e é por isso que vim fazer esta reclamação. Mas estou satisfeito; e pode o soldado continuar como praça do seu Corpo.

O Commandante: Obrigado. obrigado.

Pedro: Já que se trata de direitos, de reparações de offensas a estes feitos; eu perguntarei á V. Ex.^a. (dirijindo-se ao Dr. Chefe de policia): O que pretender respectivamente a objectos de minha propriedade; que me forão tirados por violencias; e que se achão ainda na Policia, com quantos tres vezes eu os haja requerido.

O Chefe: O Sr.... (gaguejando; e querendo dirijir-se ao Presidente):

Não ha nada a ponderar: porem a narrar — que eu estava em hum de minhas propriedades, e no seio de minha familia, que os objectos de que trato, existião em hum dos quartos de minha casa, como existem nas prateleiras das lojas de ferrajens, mumerôzos de iguaes qualidades; quando estando eu descansando hum pouco das fadigas da manhã, e apenas nessa occasião com hum criado, entra força armada, e roubando-me a doce liberdade, o maior dos bens que se pôde gozar sobre a Terra, com ela roubarão-me também taes objectos!

Chefe: Mas eu não tenho culpa; a culpa é do Delegado.

Presidente: V. S.^a tem culpa, porque o não demittio logo que soube desse atentado contra o direito de propriedade, e de liberdade de hum seu concidadão. tem culpa, porque ainda está cohonestando esse acto indigno desse seu delegado, conservando em seu poder, objectos que ele mesm. roubou a esse seu concidadão.

Chefe: Mas o que quer que eu lhe faça. sua

mulher é quem teve a culpa. Ao menos ele diz que ela foi se queixar. agora é ir la sem armas.

Pedro (com indignação): V. Ex.^a pensa que eu sou alguma criança? pôde dar os seus conselhos áquella criança (apontando para a criança, cujo choro se ouve) eu os desprezo, e nem dezejo ouvil-os.

Tem sido esta, a desgraçada marcha seguida pela Policia ha dois annos para cá. e não sei porque fatal coincidência, quantos crimes se tem perpetrado para com migo, e para com minha innocente e particular familia — outras tantas desgraças tem experimentado o Imperio, nesta ou naquella de suas partes.

Qual é o dever de hum bom Governo, e com especialidade de huma boa Policia, esse poderoso auxilio do Ministerio publico?

Qual é pergunto, hum de seus primeiros deveres, se não procurar dar boa educação á juventude. qual o segundo, senão amparar a da prostituição, da fome, da nudez, e de milhares de outros males. dando-lhe o trabalho, occupação ou o amparo de seus Pais.

Não vê a Policia que continuando a destruir vez de edificar, não poderá trazer senão a ruína ao Estado. não vê — que está trahindo a propria, áqueles que a nomearão, e aos quaes sustentão com os impostos que pagão.

Não conhece que, se não respeita os direitos de todos, sejam quaes forem as suas especies, os seus também serão menos prezados, quer como cidadãos, quer como Autoridades; pois que huns e outros nace das mesmas fontes, das Leis que os creou, e pelas quaes eles se mantem.

Hum dos circunstantes: Muito apoiado. apoiadissimo.

Outro (retirando-se, pegando no chapéu despedindo-se): Não se incomode, Sr. Pedro. tudo o que o Sr. quer, ha-de se conseguir.

Presidente (levantando-se): Eu pretendo ir ver os fôgos, e creio que já vão sendo homa. (Todos levantão-se, despedem-se e sahem com um Major, e o chefe de Policia).

Pedro (logo depois para o Presidente): Retiro-me também; e muito estimarei que V. Ex.^a tenha huma bela noite.

O Presidente (só; para hum f.^o): Não quero ver que este homem pode ser muito mais útil em companhia de sua familia que só. é tirania. parece que estamos em hum paiz de bárbaros.

Entretanto, ninguém pode negar que, apesar dos maiores sofrimentos, ainda é — O Marido Extremôzo; ou o Pai Cuidadôzo.

Diversas Sras. entrão na sala, e mais pessoas da familia.

Algumas crianças cantando, e dançando em roda do Pai:

— Vamos, vamos; — aos fôgos. vamos pa-

sear.1 vamos ao theatro.1 vamos.

O Prezidente: Estão todos promptos?

Todos: Estamos: e só ás suas ordens.1

Prezidente (voltando-se para o Público):

— Quanto é dôce o ser Pai de Família; e com
ela viver harmoniozamente! — só pode conhe-
cer quem como eu neste momento se enche de
prazer e de júbilo!

(Fim do quinto e último quadro, e da Comédia).

Por— **Jozé Joaquim de Campos Leão**
Corpo-santo—

Maio 24 de 1863

Porto Alegre, beco do Rozario, sobrado.

Nota :

Não tendo eu jamais lido o que escrevi ha
mais de onze annos, e so agora corrigindo as pre-
vas — não podia saber que esta Comedia encer-
rava cinco Quadros, lendo-se na pajina primeira
— quatro, se não — nas últimas.

Porto-alegre, Junho 11 de 1877.

